

17/12

# F S. PAULO



SEGUNDO CLICHÉ

Um jornal a serviço do Brasil ★ Ano 70 ★ Nº 22.538 ★ Al. Barão de Limeira, 425 ★ Cr\$ 80,00

# Justiça condena a 19 anos os réus do caso Chico Mendes

O Tribunal do Júri de Xapuri condenou Darcy Alves Pereira e Darly Alves da Silva a 19 anos de prisão pelo assassinato do sindicalista Chico Mendes. Os jurados acolheram integralmente a acusação do promotor de Justiça e do advogado Márcio Thomaz Bastos, representante da família da vítima. Reconheceram o homicídio qualificado por motivo torpe (vingança) e emboscada. Os advogados de defesa vão recorrer ao Tribunal de Justiça do Acre. Dificilmente terão êxito. Darcy confessou e tentou isentar seu pai. Por seis votos a um, os jurados reconheceram em Darly o mandante do crime. PÁGs. A-8 e A-9



Antonio Gaudério

Policiais escoltam Darcy e Darly para ouvir a sentença em Xapuri

# Juiz condena Darcy e Darly a 19 anos de prisão

LUÍS FRANCISCO CARVALHO Fº  
Enviado especial a Xapuri

O Tribunal do Júri de Xapuri condenou Darcy Alves Pereira, 23, e Darly Alves da Silva, 53, a 19 anos de reclusão pelo assassinato de Chico Mendes. Os jurados acolheram integralmente a acusação do promotor de Justiça e do advogado Márcio Thomaz Bastos, representante da família da vítima. Reconheceram o homicídio qualificado pelo motivo torpe (vingança) e pela emboscada.

A pena aplicada pelo juiz Adair Longuini pode ser considerada severa para os padrões brasileiros. Levou em conta os péssimos antecedentes dos réus —conhecidos publicamente na região como



matadores. A acusação sensibilizou o Júri exibindo a história de violência da família Alves.

A decisão é soberana. Somente a quantidade da pena pode ser alterada por uma instância superior. Os advogados de defesa informaram que vão recorrer ao Tribunal de Justiça do Acre, alegando nulidades no julgamento. Reclamam da pressão política internacional e da existência de petistas entre os jurados. Dificilmente terão êxito. A defesa não registrou protestos durante a sessão. O julgamento foi normal, sem qualquer vício aparente.

Darcy confessou o assassinato e tentou isentar seu pai. Sem sucesso. Por seis votos a um, os jurados reconheceram em Darly o mandante do crime. A defesa tentou mostrar que Darcy agiu em consequência de "erro plenamente justificável", supondo que defendia a liberdade de seu

pai, ameaçada por um carta precatória que decretava a sua prisão e que foi trazida a Xapuri pelo líder sindical Chico Mendes. Bastos definiu a tese como absurda. "Querem uma licença para matar", disse em plenário.

Não se registrou qualquer incidente em Xapuri. Foram quatro dias de julgamento, mais de quarenta horas de sessão. Apesar do calor e da umidade amazônica, o local esteve lotado o tempo todo. O juiz Longuini permitiu que a imprensa acompanhasse todos os passos da condenação.

Além dos 19 anos de prisão, Darcy já tem uma outra condenação (12 anos) pelo Tribunal do Júri de Xapuri. Em fevereiro, Darly será julgado na cidade de Umuarama, Paraná, por outro crime de morte.

LUÍS FRANCISCO DA SILVA CARVALHO FILHO, 33, é articulista jurídico da Folha e sócio do escritório Dias, Ponteado de Moraes e Carvalho Filho - advogados



O juiz Adair Longuini anuncia a sentença, de 19 anos, aos réus Darcy e Darly (ao centro, de costas)



A população comemora nas ruas de Xapuri a condenação dos réus

## Xapuri comemora punição com festas

Do enviado especial

O assassinato de Chico Mendes, no dia 22 de dezembro de 1988, foi comemorado com um churrasco na fazenda de Darly Alves da Silva. Antontem à noite, depois de anunciada a condenação de Darly, os amigos do sindicalista festejaram a punição comendo pato no tucupi, um dos pratos típicos do Acre.

O prato foi servido na casa de Gilson Pescador, um ex-padre que concorreu a prefeito de Xapuri em 1988. O jantar na casa de Pescador foi uma das muitas festas realizadas em Xapuri, após a leitura da sentença do júri.

Ná casa de Pescador, estavam o ator Antonio Gracci e Jorge Viana, que concorreu ao governo do Acre pelo PT. A pena de 19 anos para Darly e Darcy também foi comemorada no restaurante Floresta, que pertence a Ilzamar, viúva de Chico Mendes.

Houve forró até quase de manhã no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Na manhã de ontem, o Comitê Chico Mendes contabilizava os números das despesas feitas para o julgamento. Segundo Valdemir Nicácio, 25, coordenador do Comitê, foram gastos Cr\$ 3,3 milhões com transporte, alimentação e alojamento para mais de 2 mil seringueiros.

## Viúva do sindicalista festeja o resultado

Do enviado especial

Dez horas depois de encerramento do julgamento de Chico Mendes, a viúva Ilzamar Gadelha Mendes, 26, continuava emocionada. As 8h, ele deixou sua casa para acompanhar, até o pequeno aeroporto de Xapuri, alguns convidados que estavam na cidade para assistir o julgamento. Depois, ainda com lágrimas nos olhos, sentou-se no terraço de sua casa para atender repórteres.

"Na hora que o juiz leu a sentença eu chorava. Não conseguia falar nada. Minha língua tremia", disse Ilzamar. Ela assistiu as 44 horas que duraram o julgamento. "Era tudo o que eu

queria. Se dependesse de mim, eles ia passar cem anos na cadeia", afirmou. Encerrado o julgamento, a polícia levou Ilzamar para casa. Foi ali que ela viveu sua segunda grande emoção da noite. "Eu abracei os meus dois filhos e chorei muito", disse.

"Foram momentos muito felizes. É como se o Chico estivesse comigo", disse. Ilzamar disse também que já recebeu ameaças após o julgamento do sindicalista. Disse ter sido informada de que familiares de Darly Alves da Silva, atendidos no pronto-socorro de Xapuri, após sua condenação, prometeram matá-la. (EN)

### QUEIMADAS

**Banho -** Na confissão ao juiz, o réu Darcy não falou uma coisa que sabia bem: Chico Mendes tomava banho todos os dias entre 18h30 e 19h. Já tinha observado a vítima antes do crime.

**SNI -** No primeiro dia de julgamento, no sorteio dos jurados, o promotor Elizeu de Oliveira tinha em sua mesa uma lista com os 21 nomes possíveis. Em cada um, uma anotação dividia os jurados em mais (+) ou menos (-). Menos eram os contrários à condenação e indecisos. O balanço dava 12 a nove pela condenação.

**Escolha infeliz -** A defesa vetou um jurado sorteado que era francamente a favor dos réus.

**Ilzamar cercada -** No sábado, a viúva de Chico Mendes, Ilzamar, sentou no centro da segunda fila do fórum. Não sabia que os lugares eram reservados para parentes dos réus. Passou o dia cercada de Alves por todos os lados.

**Roupa igual -** Os dois réus passaram os quatro dias de seu julgamento com a mesma roupa. O pai usava calça de brim e camisa azul-clara. O filho usava calça jeans e camisa branca.

**Estrupo à linguagem -** Durante os debates com a acusação, o advogado João Lucena Leal (defesa) disse que o crime de seus clientes não é hediondo. "Crime hediondo é estropo" (sic).

## Defesa ruim ajudou a condenação dura

LEÃO SERVA

Enviado especial a Xapuri

O último dia de julgamento dos acusados da morte do sindicalista Chico Mendes foi marcado pela fragilidade da estratégia dos advogados de defesa frente a uma acusação bem organizada e preparada para um embate difícil. Ontem, voltando em grupo para São Paulo, no voo 485 da Varig, os advogados que auxiliaram a acusação eram unânimes em afirmar que "os réus mereciam uma defesa melhor".

Eles estavam preparados para uma defesa mais bem preparada. Venceram com a sensação de uma seleção brasileira com Pelé que enfrentasse o time do Zaire. Foi um duelo desleal.

Além de uma incapacidade para apontar os defeitos da acusação, os três advogados de defesa estavam descoordenados. Um deles, Armando Reigota, pediu absolvição para os dois réus. Outro, João Lucena Leal, pediu absolvição de Darly e condenação de seu filho por "pena branda".

Quando terminaram os debates, encerrados com a intervenção de Reigota, Márcio Bastos, assistente da acusação, colocou ao juiz uma questão de ordem: afinal, o que pede a defesa, a absolvição ou a condenação branda?

Reigota não explicou a confusão mas reafirmou o pedido de absolvição dos dois réus.

Esse foi apenas um dos momentos de fraqueza. A derrota era visível até para os leigos da cidade, na plateia, que riam com os discursos da defesa.



Os advogados de defesa João Lucena Leal e Rubens Torres conversam com Dari (centro), irmão de Darly

Os defensores dos réus não apontaram os defeitos nas provas de acusação. Em sucessivas declarações à mídia, os advogados dos réus faziam supor que iriam atacar a testemunha Genésio Ferreira da Silva, a principal entre as arroladas pela acusação. Mas não o fizeram nos discursos aos jurados. E havia muita coisa frágil no depoimento do menino:

1. Ele é menor de idade, está sob a guarda de um jornalista cuja posição no caso é pública, de adesão à tese da condenação;

2. O menino, tanto nas declarações durante o inquérito quanto no depoimento público, diz que não presenciou nenhum dos fatos narrados. Apenas ouviu falar.

Também o depoimento da testemunha Maria José de Oliveira

Urizi era de fácil contestação. Ela narra fatos que estão sendo investigados, não foram julgados. Mas diz tudo como se fosse líquido e certo. Acusa Darly Alves da Silva de matar seu sogro e seu marido em Umuarama (PR). Sobre esses crimes, Darly enfrentará um novo júri, em princípio marcado para abril. É acusado.

Os três defensores não atacaram essa precariedade do depoimento da testemunha. E no ditado popular, ao calar consentiram. Trabalharam como se cada um estivesse ali salvando sua própria reputação.

João Lucena Leal, na tréplica, poucos minutos antes do final da instrução do júri, dedicou-se a um discurso de contextualização política, atacando os ecologistas como inocentes úteis ao imperialismo que não quer ver a Amazô-

nia enriquecer o Brasil. Divagou sobre a idéia de que filmes sobre Chico Mendes pudessem ser feitos sem consulta aos advogados de defesa. "Quem quiser fazer este filme vai ter que se sentar à mesa com a defesa". Prometeu dar o dinheiro do filme para crianças pobres do Acre.

Ao tentar um embate político, mais uma vez submeteu-se às armas da acusação, para quem a morte de Chico Mendes foi orquestrada por grandes proprietários rurais. No embate generalizante, dançaram os réus, com uma defesa precária ante um tiro-teio bem orquestrado. Darly como mandante do crime. Darcy como atirador. Somando aos 12 anos da pena que já cumpre, se ficar preso todo o tempo das duas condenações, Darcy deixará a cadeia com a idade atual do pai: 54 anos.

### PINGUE-PONGUE

## 'Não tive medo de depor', diz Genésio

Do enviado especial

Quando era preparado para ser pistoleiro, na fazenda de Darly Alves da Silva, o garoto Genésio Ferreira da Silva, 15, matava passarinho para treinar a pontaria. Ele mora atualmente no Rio, com o jornalista Zuenir Ventura, que o adotou, temendo sua morte. As 18h do último sábado, ele concedeu sua primeira entrevista coletiva desde sua volta ao Acre:

**Pergunta -** Você teve medo de depor?

**Genésio Ferreira da Silva -** Não tive medo. Estava muito bem. Estava tranquilo.

**Pergunta -** Sua vida mudou. O que acha de sua vida agora?

**Genésio -** Eu acho muito boa porque agora eu tenho um futuro melhor.

**Pergunta -** Em que momento você resolveu depor contra seus ex-patrões?

**Genésio -** Desde o momento em que eu estava preso. Chamei o delegado e resolvi contar tudo.

**Pergunta -** Você chegou a temer pela sua vida?

**Genésio -** Eles chegaram a me ameaçar algumas vezes.

**Pergunta -** Como foi essa ameaça?

**Genésio -** Falaram que se algum dia eu contasse algum fato deles, eles me matariam.

**Pergunta -** Como você se sente sabendo que está decidindo o julgamento?

**Genésio -** Me sinto muito feliz.

**Pergunta -** Nesses dois anos, o que você gostou de fazer?

**Genésio -** Eu adorei tomar banho de praia.

**Pergunta -** Onde você ficou todo esse tempo?

**Genésio -** Na casa de uma pessoa que eu adoro muito.

**Pergunta -** Como era o tempo em que você vivia com Darly e Darcy?

**Genésio -** Era uma coisa muito chata. Trabalhava demais. Sofria bastante.

**Pergunta -** Você estava sendo preparado para ser pistoleiro?

**Genésio -** É verdade.

**Pergunta -** Como é que era essa preparação?

**Genésio -** A gente atirava nas tábuas para ver se acertava.

**Pergunta -** Chegou a testar a pontaria?

**Genésio -** Cheguei a matar passarinho com espingarda.

**Pergunta -** Quando mataram o Chico Mendes.

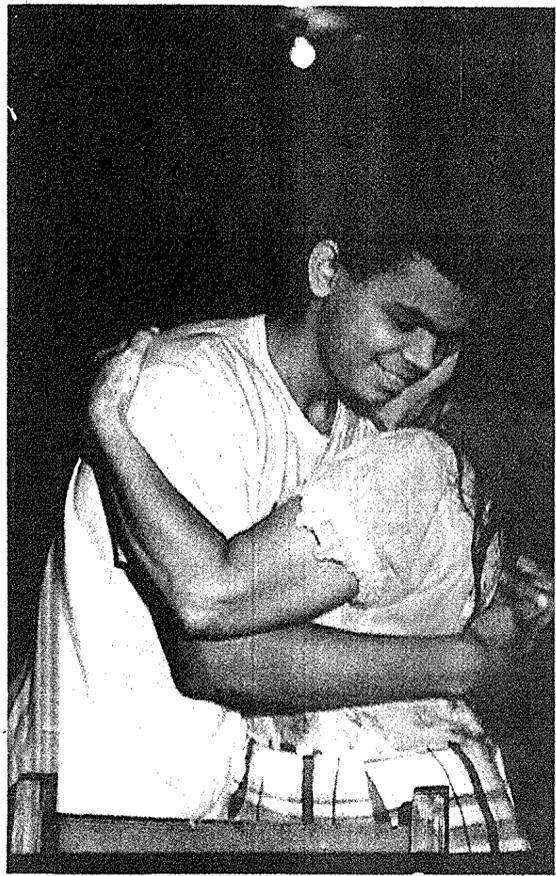
**Pergunta -** O que você acha do Chico Mendes?

**Genésio -** Ele era um cara muito fantástico. Tinha idéias muito boas.

**Pergunta -** Qual a mensagem que você mandaria para garotos de sua idade?

**Genésio -** Eu diria para eles: procurarem a paz e lutarem pelo meio ambiente.

(EN)



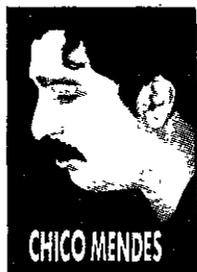
Genésio Ferreira da Silva, testemunha-chave, abraça sua mãe

# Polarização ideológica caracteriza o julgamento

**RICARDO ARNT**

Da Reportagem Local

Com a condenação de Darcy Alves Pereira e seu pai, Darly Alves da Silva, a 19 anos de prisão, cada, terminam dois anos de expectativa e investigação do assassinato de Chico Mendes. Supõe-se que 44 horas de julgamento, 1.632 páginas de processo, nove peritos e três testemunhos tenham feito justiça. Em termos políticos, o drama produziu efeitos antes de começar: instalou a questão ambiental no mapa político do Brasil. A sentença desagrava a consciência abalada pela impunidade de 1 mil assassinatos de líderes rurais na Amazônia, entre 1985 e 1989, segundo a Anistia Internacional.



A conclusão, entretanto, não autoriza regozijo. O juiz Adair Longuini, os sete jurados, três promotores, nove advogados e nove peritos do processo atuaram sob o foco permanente da atenção mundial. Mil e quinhentos visitantes e 150 jornalistas levaram pessoalmente a Xapuri a demanda de justiça. O julgamento, e toda a história de Chico Mendes, deixam a impressão incômoda que no Brasil, a sociedade civil carece de pressão estrangeira para se mexer. Por si só, sua capacidade de conviver com a violência é elástica.

Darcy, réu principal, confessou o crime e Darly foi condenado como mandante. Outro indiciado, Jardeir Pereira, empregado da fazenda de Darly, continua foragido. Não foram encontradas provas que associassem o assassinato à ação da União Democrática Ruralista (UDR) do Acre, como postulava o Partido dos Trabalhadores.

No dia 22 de dezembro, às

18h45, reagindo contra os seringueiros que impediam a família Alves de desmatar posse adquirida no Seringal Cachoeira, e com Chico Mendes, que mandara buscar no Paraná uma ordem de prisão contra seu pai, Darcy fuzilou o sindicalista quando saía de casa rumo ao banheiro, nos fundos. O assassino esperou 20 minutos atrás de um coqueiro, a 8 m e 20 cm da porta, e disparou um só tiro, com uma espingarda de cartucho 20. Mendes recebeu 42 grãos de chumbo no peito e 18 no braço. Dois soldados destacados pela Polícia Militar para protegê-lo, que jogavam dominó na sala, fugiram correndo.

Darcy agiu sozinho, confirmou o júri. Quatro dias depois, entregou-se à polícia. A Polícia Federal foi ao Acre caçar os suspeitos do crime. Darly entregou-se no dia 7 de janeiro, alegando inocência. No dia 8, Francisca da Silva Oliveira, uma de suas quatro mulheres que viviam juntas na fazenda Paraná, não resistiu ao assédio policial e suicidou-se cortando a jugular com uma faca de cozinha.

Por empenho do juiz Longuini, que acelerou a tramitação, o tribunal de Xapuri condenou Darcy e seu irmão Olocy Alves da Silva, em junho, a 12 anos de prisão por dispararem contra uma manifestação de seringueiros no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal de Rio Branco, em maio de 1988. A fama violenta da família Alves da Silva induziu cinco pessoas a abandonar o júri de Mendes, com medo de represálias. Darly e filhos foram acusados de 15 assassinatos. Quatorze foram relatados no processo.

Dois peritos legistas da Universidade de Campinas, Nelson Massini e Fortunato Palhares, e o delegado de homicídios da Secretaria de Segurança de São Paulo, Eduardo de Melo Neto, confirmaram a veracidade da confissão de Darcy. A acusação, integrada pelo promotor Eliseu de Oliveira,

pelos advogados Márcio Thomaz Bastos (presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, 1987-89), Sueli Bellato e Ricardo Gebrin (da Central Única dos Trabalhadores), Wilmar Shrader (da Comissão Pastoral da Terra do Acre) e Michael Nolani (do escritório do vice-prefeito de São Paulo, Luis Eduardo Greenhalgh) pediu a condenação de Darcy e Darly por homicídio qualificado. Os advogados de acusação trabalharam de graça.

A peça decisiva da acusação foi o depoimento do menino Genésio Ferreira da Silva, 15, que vivia na fazenda Paraná. Para proteger-se, Genésio fugiu para o Rio de Janeiro, adotado pelo jornalista Zuenir Ventura, do "Jornal do Brasil". Disse que ouviu Darly encomendar a morte de Mendes ao filho. Denunciou outros crimes. Contou que o assassinato foi comemorado, no dia seguinte, com um churrasco na fazenda Paraná.

A defesa tentou impugnar 16 dos 21 jurados escolhidos, acusando-os de identificação com o Partido dos Trabalhadores. Os advogados João Lucena Leal, Rubens Lopes Torres e Armando Reigota anunciaram que negariam a confissão de Darcy, mas o réu a assumiu no julgamento. A partir daí, a defesa concentrou-se em desacreditar o testemunho de Genésio. Lucena gastou parte do seu discurso rebatendo acusações de que teria sido torturador de presos políticos durante o regime militar. Reigota lamentou a polarização ideológica que revestiu de "sentido sociológico" um processo jurídico.

O drama maniqueísta que opõe direita à esquerda, proprietários truculentos a sindicalistas, forra o mito de Chico Mendes, em uma época farta de desilusões ideológicas. O seringueiro é o Guevara ecológico. A mística pode ser primária, mas a trama da Amazônia é mais. A Revolução Francesa parece ter chegado ontem em Xapuri.